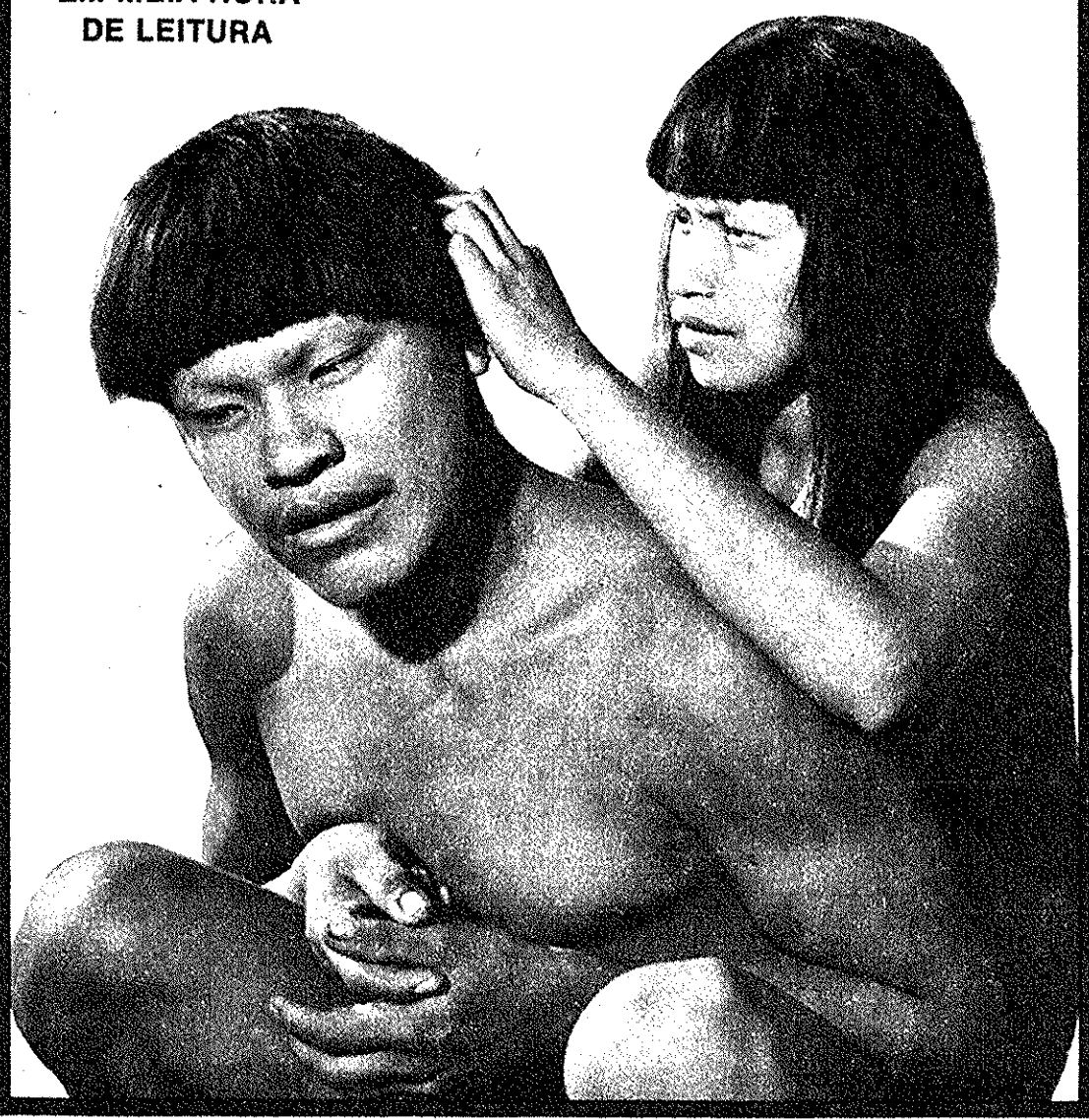


DE VOLTA AO INFERNO VERDE

UM BEST-SELLER
EM MEIA HORA
DE LEITURA

por **SEBASTIÃO BASTOS**



S EM motor, a piroga avança lentamente. A intensidade das baterias diminui, nossas lâmpadas quase se apagam, a ramagem toca nossa cabeça. Pensei até em parar de navegar, apesar da proximidade de casas da tribo. De repente o índio Joaquim fica estático, prestando atenção a um ruído que só ele, por força de hábito, ouve. O barulho distante não enganou seu ouvido. Flop, flap, flop, flap... Nenhum peixe, nenhum animal nada com essa regularidade. Parece ser mesmo um ruído de remos. Antes que o ouvíssemos, os índios já apareciam na nossa frente. Creio que se tivéssemos vindo com o motor ligado, eles não teriam se movido pensando que fôssemos caboclos comerciantes.

— *Katareba, Katareba...* Quem são vocês, quem são vocês?

Desenhando na noite um grande círculo, como um sol, com nossa lanterna, demonstrei nossas intenções amigáveis.

— *Koucestara, Tupã.* Sejam bem-vindos, que Deus os guarde.

comerciam peles de pecari. Comerciar é uma expressão um pouco forte em vista do que deve ter acontecido dois ou três dias antes nessa clareira.

Os *orelhas grandes* são assim chamados porque colocam no lóbulo escancarado das orelhas rodela de madeira cada vez maiores à medida que o furo se alarga. E que eles envelhecem. Até há meio século eles formavam uma das mais importantes tribos da Amazônia. Sua reputação de guerreiros se estendia a este do Madeira abrangendo uma imensa região da bacia amazônica no Brasil, no Peru quase até Iquitos e na Bolívia. Acho que os seus antepassados deviam conhecer as verdadeiras nascentes do Amazonas. De qualquer forma atribuo a esse conhecimento o domínio quase mágico que os *orelhas grandes* exercem sobre as outras tribos. Para os índios, o Amazonas é filho de Deus, de *Tupã*. Quem sabe o lugar do nascimento de *Tupã*, forçosamente, deve ter relações privilegiadas com ele. Os *orelhas grandes*, desde meados do século XIX,

Como a cachaça corrompe uma tribo. O comércio de peles de pecari. A filosofia dos índios

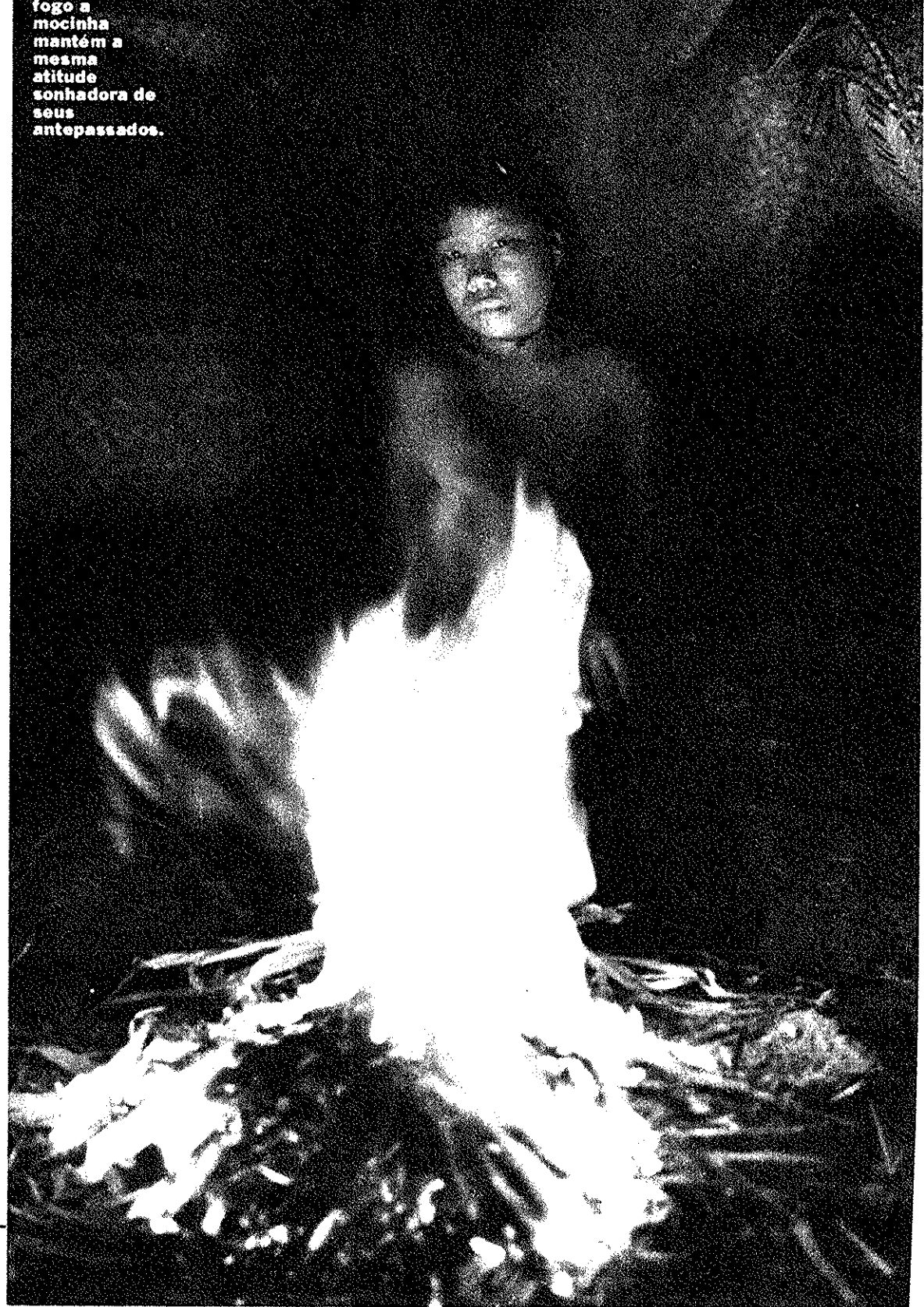
Apesar da noite, prosseguimos em nossa caminhada, certos da proximidade da aldeia. Era preciso mostrar a esse vigia da tribo que, conhecendo seu dialeto, a comunicação seria possível. Essas poucas frases protocolares, de certa forma indispensáveis, serviam para mostrar nossa boa fé. Quando o homem levantou-se na proa de uma piroga, notei duas coisas: a primeira a ausência de arco e flechas; a segunda que ele vestia uma camisa de civilizado. Cada um desses detalhes tem um significado. A ausência de arco mostra que ele bebeu. Nunca, a não ser quando está cheio de cachaça, seja dia ou noite, o índio lúcido anda desarmado. A camisa, idêntica àquelas que encontramos nas lojas de Manaus, significa claramente que os caboclos passaram recentemente pelo tribo. Poucas coisas, na verdade, mas o suficiente para me inquietar, se bem que isso nos tenha permitido formar uma opinião quanto ao escândalo ignóbil da exploração desses desgraçados. Frankenheim, o etnólogo alemão que estuda os índios, ficou profundamente aborrecido ao constatar esse fato.

O índio da piroga disse chamar-se Juanito, o que não é um nome índio. Esse prenome espanhol lhe deve ter sido dado pelos peruanos ou bolivianos com os quais eles

sempre tentaram se aproximar dos civilizados, vendendo peles de pecari, muito procuradas pelos brancos, ou trocando-as por mandioca e bijuterias. Eles pediam também fuzis, mas recebiam poucos, já que os brancos tinham medo de represálias armadas em caso de conflito.

Muito inteligentes, os *orelhas grandes* se tornaram cada vez mais exigentes em questões de trocas. Durante muitos anos, até 1910, as autoridades dos três países que lucravam com a exportação de peles de pecaris protegiam com certo rigor as famílias espalhadas pela floresta. Depois alguns miseráveis chegaram, sem dúvida do lado brasileiro, com garrafas de cachaça, primeiro apenas para os caciques. Pouco a pouco foram fazendo os caçadores beber, as mulheres e até as crianças. Eles foram aceitando, deixando-se levar. Quando os índios estavam completamente bêbados, os tipos carregavam as peles deixando nas malocas apenas alguns objetos miseráveis, uma ou duas panelas, duas ou três caixas de fósforos, velhas calças furadas e vestidos remendados para as mulheres. De volta a Iquitos, Porto Velho ou Manaus, os três grandes mercados de vendas de peles de pecaris, esses miseráveis ganham até cem mil vezes o preço de compra. Nem se pode

Como há
milhares de
anos, diante
da força
mágica do
fogo a
mocinha
mantém a
mesma
atitude
sonhadora de
seus
antepassados.





Para os beijos-de-pau a rodela de madeira inserida no lábio inferior é a suprema elegância.

falar de compra, mas sim de roubo, roubo e assassinato. Esses índios não suportam de forma alguma o álcool e seu uso termina por um verdadeiro suicídio. Hoje em dia restam apenas algumas dezenas de famílias gastas pela cachaça e a tuberculose. Eles só não são liquidados completamente enquanto as peles de pecaris ainda se vendem, mas se amanhã a procura se tornar nula, os últimos sobreviventes terão perdido seu último combate contra a civilização. Caçadores, eles vivem em grandes choupanas sobre estacas, famílias inteiras, no meio do pântano que os protege das feras que poderiam atacá-los. Sempre ignoraram a agricultura, já que a mandioca lhes era fornecida em troca do produto da caça. Enquanto necessitavam deles, os mestiços traziam alguns sacos de farinha e faziam uma mistura com o álcool que os levava a um estado desesperador. As garrafas terminadas, completamente secas, só então eles compreendem que os enganaram odiosamente. É bom que num momento desses um branco não passe ao alcance de suas flechas. Três meses depois, eles já se esqueceram de tudo e sua sede de cachaça será tal que eles recomeçarão tudo, até o fim.

Estes punhados de homens e de mulheres que vos procuram, que vos agarram, são os últimos sobreviventes, até o dia em que, totalmente abandonados, reduzidos a nada, não tendo nem mesmo a força de chorar, eles ficarão loucos, se matarão entre si ou simplesmente se deixarão morrer. A cólera de Frankenheim contrasta com sua curiosidade calma de alguns dias antes. Perdeu toda a sua suavidade de europeu bem educado. Estas cabanas em madeira podre, cujas estacas se fincam na lama e nos excrementos, as sujeiras deixadas nos caminhos da vizinhança, essa sujeira incrível, desumana, maquiavelicamente tramada pelos comerciantes para que restem a esses homens apenas a força de prosseguir caçando. Nessa existência cada um perde sua individualidade, tão diferente de sua natureza originalmente boa e pura de índio. Seres levados à crueldade para fugir de um mundo de terror, e que o álcool leva ao desespero. O rosto lívido de Frankenheim revela tristeza e desgosto. O que não impede Joaquim de chamá-lo de novo à ordem equilibrada da vida do interior.

— Apesar de sua simpatia por essa gente, por duas vezes numa mesma noite você os irritou a tal ponto que eles ficaram conscientes do seu lamentável embrutecimento. Involuntariamente, sem dúvida, mas real.

— Não compreendo.

— Esta noite ouvi você cair da rede, deve ter ficado dolorido, mas isso uma pequena massagem melhora logo. Você poderia ter quebrado uma ou duas vértebras. Era necessário dizer que o idiota que entrara agarrara-se com muita força na sua rede ao entrar na barraca. Oferecendo a rede que fica estendida na porta de entrada, é como se ele estivesse oferecendo as chaves de sua casa. Enquanto você dormia ou tentava dormir, ouvi que ele saía; alguns minutos depois ouvi o silvo de uma flecha. Esse macaquinho cheio de sangue, que a velha índia cortava ainda agora, antes de atirar os pedaços na panela para cozinhar na fervura com cachçaça, o homem foi matá-lo para você. Nunca um índio se arrisca a caçar de noite, se não tiver convidados especiais na tribo. Enquanto o macaco cozinhava você desceu para urinar justamente sob o assoalho, entre duas estacas; você estava sem jeito, aliás sem razão, pois homens e mulheres usam o mesmo lugar. O que o surpreendeu depois de ter voltado à cabana foi ver uma velha descer imediatamente com uma caçarola para apanhar a mistura de água e urina e jogá-la na panela onde o macaco cozinhava. Daí em diante, toda a família esperava o momento em que você seria obrigado a descer. Viam nesse gesto algo de sagrado. Eles não fazem diferença entre a urina e o esperma. O líquido que vem do seu corpo, misturando-se à alimentação, torna essa mistura uma espécie de oferenda. Você é ao mesmo tempo a origem e o beneficiário. Ora, é claro que, pelo menos assim penso, o "molho de pipi" para um homem do Ocidente não é o ideal, mesmo para mitigar a fome, que a carne de macaco apesar de um pouco dura é de boa qualidade, rica em vitaminas. Repito mais uma vez que no interior sua lógica, seus hábitos, não têm o menor valor. Quando a mulher do cacique estendeu a grande colher de madeira para que você se servisse primeiro na panela, você recusou. De acordo com seu ponto de vista eu compreendo; no entanto para a tribo você cometeu uma grave ofensa. Para o cacique que mandou matar o macaco especialmente para você, não se servir primeiro constitui uma injúria, tanto como um católico que recusasse a

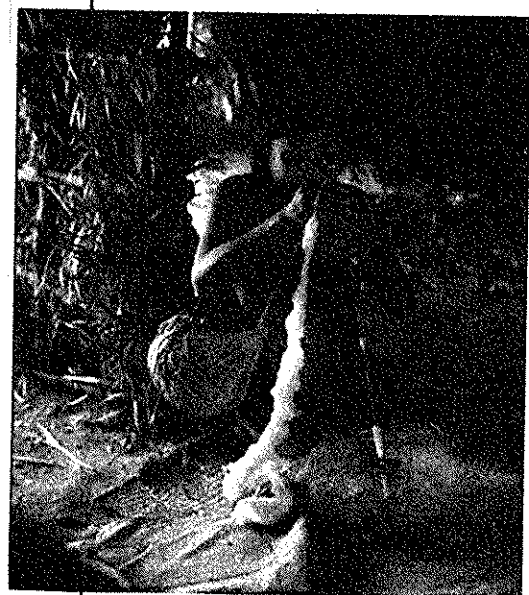
comunhão das mãos de um padre. É preciso superar uma repugnância acima de tudo passageira... Por detalhes aparentemente tão insignificantes, os brancos deixaram sua vida aos índios sem compreender realmente porque. Levam na conta de crueldade guerreira o que no fundo não passa de uma ausência ignorada do respeito por um rito... Tive que explicar ao cacique que você estava relativamente há pouco tempo na floresta e ele acreditou-me.

— E a segunda ofensa?

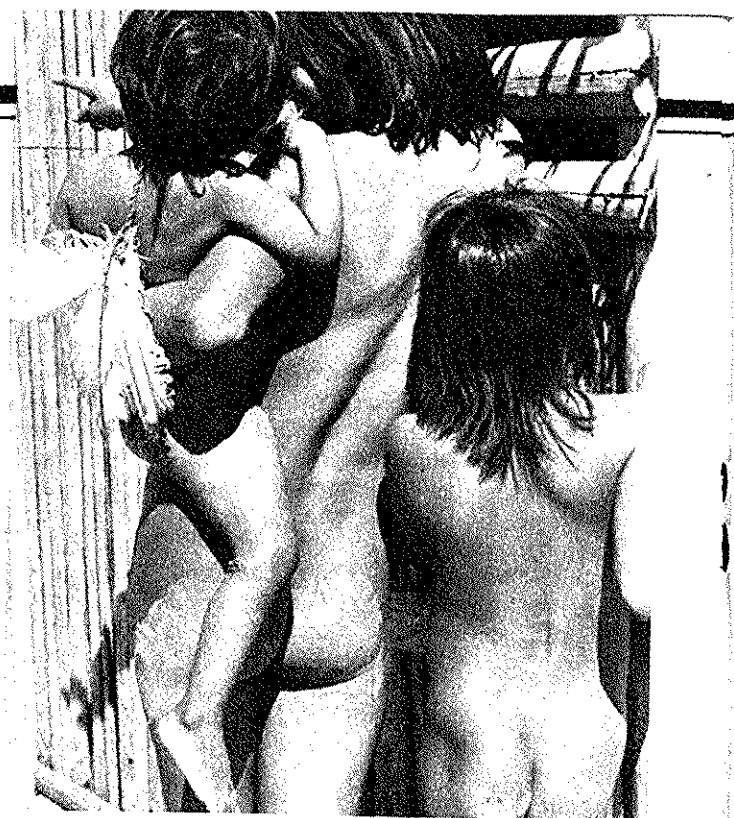
— Aí pensei realmente que a coisa fosse piorar, que idéia também a sua de pedir-lhe que tirasse a camisa para fotografá-lo! Ao contrário do que dizem a não ser em algumas tribos muito primitivas, os Xavantes ou os Nhanbiquaras, os índios não mostram nenhuma hostilidade a aparelhos fotográficos. Vivem em geral de bustos e pés nus. Vestindo essa camisa branca, resultado de uma troca com os compradores de pecari, ele está lhe fazendo uma honra, ao vestir o que ele considera como a sua mais rica vestimenta, pela qual ele deve, infelizmente, ter dado centenas de peles em troca dessa desgraçada camisa pela qual um *gringo* não deve pagar nem dois dólares. Obrigaria um de seus ministros a ficar de ceroulas para



Os caminhos da selva são suaves, apesar da aparência de hostilidade. Um tronco caído entre duas margens serve de ponte.



Últimos inocentes do mundo, os índios se integram à civilização e desintegram a sua cultura.



fotografá-lo? Aqui, o cacique tem tanta importância como um ministro em sua terra. Tome cuidado para que no futuro isso lhe sirva de lição...

"Embarque agora com Ferreiro e Sebastião, vamos saudar o chefe. Toda a aldeia está reunida, ninguém lhe perguntará nada. Ao nos inclinarmos diante dele, de certa maneira estaremos pedindo desculpas por todos nós. Durante a cerimônia desse gesto de submissão e agradecimento pela hospitalidade, afaste-se lentamente dessa escada da choça, sem olhar as mulheres.

"Pronto, está tudo bem, podemos avançar. É meio-dia, nós não temos fome. Se não encontrarmos muitos troncos e folhagens, em três horas alcançaremos nosso rochedo. O cacique bateu três vezes com as mãos enquanto nós deixávamos a clareira, num gesto ritual. Ele nos oferecia sua confiança e sua amizade. Poderemos voltar."

Uma vez mais tive que me render à sabedoria de Joaquim. Devo-lhe tudo. Na floresta virgem cada dia temos uma lição diferente. É preciso simplesmente se esforçar para não esquecermos os erros da véspera. Em

Na floresta, a cada dia há uma nova lição a aprender. A caça rendosa ao jacaré

Mesmo bêbedas elas sentirão seu olhar, os homens poderão, no estado de embriaguez em que se encontram, coléricos, reagir mal e usar os seus arcos. Não mostre também que está com medo e diga a Ferreiro para não ligar o motor, você partirá com a ajuda de remos enquanto tivermos que viajar juntos. Os índios têm horror dos covardes; eles interpretariam essa saída como uma fuga e o ruído do motor como uma manifestação do demônio."

setenta e seis anos de floresta não existe um só momento em que eu não tenha aprendido alguma coisa. Depois da morte de Joaquim, procurei seguir o caminho que ele me traçou.

Assim sendo, em meu retorno, eu tinha a impressão de que os quatro anos passados no colégio, em Friburgo, me tinham de tal forma afastado de minha juventude na floresta e que eu estava condenado a uma vida de miséria em Manaus. Felizmente todo

mundo começou a chamar-me "pequeno índio" sem o que talvez eu tivesse esquecido as minhas origens. Na realidade, mesmo não mais falando o português durante quatro anos, mal voltei a pôr os pés em Belém, sem imaginar um minuto sequer as más notícias que me aguardavam, recuperei minhas raízes.

Depois de uma noite e um dia de pesca no rochedo da corredeira, retomamos o caminho a remo, a uma velocidade razoável desta vez, pois íamos no sentido da correnteza. Passamos nossas noites às margens de rios, em praias sempre cuidadosamente escolhidas por Joaquim. Tarefas como essas devem ser cuidadosamente distribuídas. Joaquim marcava o lugar das redes, ao abrigo das formigas, das aranhas e das térmitas, sempre contra o vento para não despertar o faro de animais ferozes. Eu acendia o fogo enquanto Ferreio e Frankeheim tratavam do reabastecimento de peixes e frutos da floresta.

Após uma semana mais ou menos, vimos à cabana de um caboclo. Sua mulher estava só

no lugar, sem nenhum medo da solidão. Amarramos nossa piroga no cais, instalamos nossas redes num pequeno jardim, onde houve, essa noite, em nossa honra, uma galinha a menos no galinheiro. Seu marido partira até Iquitos para vender escamas de crocodilo e comprar provisões para os próximos meses.

Depois do fim da borracha, a caça ao crocodilo passou a ser uma das melhores fontes de renda. Lembro-me de um tempo em que era necessário afastar as pirogas de verdadeiras manadas de crocodilos para podermos avançar. Evidentemente nenhuma lei veio pôr fim a esse massacre indiscriminado e lucrativo. Até 1939-1940 o sáurio não faltava, mas hoje, como a pantera, é preciso ir bem para o interior para encontrar famílias agrupadas. Se a pantera está infelizmente em vias de extinção, restam ainda bastantes jacarés para devorar os caçadores desastrados.

Todos os caboclos que vivem afastados das cidades levam consigo uma caixa de ferramentas e pequenas coisas. Ferreio aí encontrou um pedaço de arame e com ele

Para se proteger, os índios abrem uma ampla clareira ao redor da aldeia.



conseguiu fazer um arranque para nosso motor, até então em pane. Frankenheim aproveitou esse descanso para fazer com que a mulher do caboclo massageasse seus rins. Ela, aliás, não era muito selvagem e devolveu-lhe o bom-humor um tanto abalado com acontecimentos anteriores. No interior, quando se encontra uma mulher, sobretudo uma mestiça disponível, é preciso saber aproveitar sem se mostrar muito exigente quanto à qualidade e idade da mercadoria. No dia seguinte após uma noite em que eu certamente dormi melhor do que

Frankenheim, devíamos partir. As aventuras galantes do alemão interessaram apenas moderadamente a Ferreiro e Joaquim que tinha pressa em chegar a Manaus. Não era o meu caso. Apesar de que minha mãe lá me esperasse, creio que a Floresta exercia sobre mim uma atração mais exigente e o feitiço de uma amante. Quase esquecera a existência de Aurélio e a obra de justiça a que me propusera. Já eram 10 horas e o sol estava forte quando Joaquim anunciou a partida. Transferi as bagagens e os mantimentos para uma piroga com um motor mais forte

do que o nosso, propriedade dos caboclos. Ferreiro achava que o conserto do nosso não agüentaria até Manaus; se tivéssemos que remar no Amazonas e no rio Negro, gastaríamos dias e mais dias sem conta e cansaço. Orlanda nos emprestou a embarcação.

COM quatro passageiros e os mantimentos a piroga deslizava pela superfície nos últimos limites de segurança. Uma vez mais, grandes raios zebam o céu e a tempestade ameaça desabar. Joaquim força o motor ao máximo para derrotar os três inimigos daquele dia: a chuva, os

troncos que a velocidade no barco não deixava ver bem, e os golfinhos que nos arriscávamos a acariciar. Golfinhos, sim, esportivos e inteligentes. Esportivos porque eles sobem o rio por dois ou três mil quilômetros, inteligentes porque sabem que basta abrir a boca para se alimentar, pois os pequenos peixes são muito abundantes, muito mais do que no oceano. A palavra ainda não estava na moda. Esse motor fazia tal barulho que senti durante esse retorno, as primeiras manifestações de "poluição" da bacia. Não, positivamente eu me convencia cada vez mais que a vida



Uma das últimas tribos amazônicas a estabelecer contato com os brancos, os tucarramaés se caracterizavam por sua agressividade e desconfiança.



Hora do repouso. Em sua rede de tucum a mãe acalenta o seu filho.

moderna não me convinha. Uma vez resolvidos, de qualquer forma, bem ou mal, meus negócios com Aurélio, não sei como nem por que mas virei morar solitário na floresta, mesmo arriscando-me a entristecer minha mãe. Poderia aceitar apenas um companheiro, Joaquim, mais do que amigo, o quanto preciso nas trevas da selva. E assim, nesta descida dos afluentes para o rio, as margens tinham sabor de angústia. Um caboclo na casa de quem prevíamos renovar nosso estoque de cartuchos estragados pela tempestade, partira. Os fuzis estavam inúteis. Para a caça restava apenas o meu arco e para a pesca os arpões de Joaquim e Ferreiro.

A casa estava vazia, mas a praia era boa e a noite tranqüila. Puxamos nossas pirogas para terra.

Solidamente amarradas elas não se desgarrarão sós. O fogo ilumina nossos rostos. Pequenos insetos humanos fundidos no emaranhado da floresta que nos envolve. Com sua machadinha, Joaquim remexe distraidamente os ramos. Por que lhe perguntar alguma coisa? Penso na refeição de macaco, um macaco com cara de homem, cortado como alguns cortam os homens. Ruídos da noite. Cantos de amor e de guerra, animais da selva... Longos minutos...

Joaquim e Frankenheim se instalam em suas redes. Eu os imito. Ferreiro toma conta do fogo, impossível evitar o ataque das formigas vermelhas... Depois vem a manhã e o sol...

Joaquim está sentado perto da fogueira. Ferreiro e Frankenheim revolvem as brasas sob o peixe cujo odor de fritura abre o apetite.

ALGUNS anos mais tarde. Sebastião Bastos retorna com um único companheiro indio. Ele quer encontrar o homem que causou a morte de seu pai.

— Pare.

Diante de nós, sentada nas patas traseiras, encostada a um tronco atravessado no caminho, uma pantera negra, a mais rápida e feroz de sua espécie.

Meu companheiro imobilizou-se.

— Sobretudo, Sebastião, não toque em seu fuzil. Se o primeiro tiro falhar estamos mortos, ainda mais que esse ninho de vespas aí acima, suspensa a essa imbaúba não melhora as coisas. Mordida, a pantera ficará mais furiosa ainda.

Os lábios de Djiri, meu companheiro, quase não se movem para me falar. A prova começa. Muito inteligente a pantera calculou que não alcançaria Djiri com um único salto e espera que ele avance, o que ele não faz. Djiri vigia ao mesmo tempo a fera e o enxame.

— Se o enxame despertar, Sebastião, atira procurando não errar. Se não acertares o cérebro quase que poderemos nos considerar mortos. Restará apenas a possibilidade de escalarmos essa árvore, ainda que as mordidas das vespas não

tornem muito invejável a nossa sorte. Como Djiri não avança para seu agressor, a fera se estende lentamente, certa de sua vitória. Decide vir ao nosso encontro. Senta-se sobre suas patas traseiras para calcular o saito. No momento em que a pantera está em posição vertical, pronta para se lançar, ela não se mexe, literalmente paralisada. Isso dura aproximadamente dez segundos.

— Atira, Sebastião.

Com um pedaço pequeno de pau constatamos, abrindo sua bocarra, que o cérebro explodiu. Explicação: as panteras e os índios tem um ponto em comum: olhos azuis como pérolas. O cruzamento dos dois olhares idênticos provoca a hipnose. Quando se diz "está paralisado pelo terror" não se trata de fenômeno idêntico? A pantera conhece perfeitamente esse estado de coisas, sua grande fraqueza. O vencedor é sempre o primeiro a introduzir o azul de sua íris no olhar do inimigo. Apenas os índios têm essa rapidez.

Um dia eu avançava lentamente pelo rio Tariparé. Percebi fumaça acima de uma clareira. Muito cansado após uma crise de malária que me reteve vários dias numa praia bem situada, onde a água do rio não podia me atingir, a presença de seres humanos me alegrou. Não poderiam deixar de ser índios. Os caboclos nunca se aventuraram tão profundamente no interior.

Entre pelo igarapé. Depois de ter amarrado fortemente a piroga, avancei sem nenhuma arma, numa picada aberta. O chão estava recoberto de folhas de palmeira para proteger da humidade. Os moradores devem andar descalços o que veio confirmar que eram realmente índios.

No meio do pântano. Algumas aldeias são construídas em terrenos pantanosos e as casas edificadas sobre palafitas.



O jovem guerreiro. Desde cedo treinado, ele é um autêntico craque do arco e lança suas flechas com precisão absoluta.

Um cipó em torno da cintura segurando uma minúscula tanga, o rosto escuro, pintado com traços vermelhos, um homem vem ao meu encontro.

Aventurando no dialeto da tribo de minha mãe, digo-lhe:

— Salve, meu irmão, minha pele é mais branca que a tua, minha mãe era dos teus, meu pai tinha um rosto claro, eis porque minha pele é menos escura que a tua. Sou um viajante solitário. Que Tupã te proteja para que me dê tua amizade.

Disse ainda algumas palavras em português que ele pareceu não entender. Fez sinal para que o seguisse. No meio da clareira um

grupo compacto de homens, mulheres e crianças. Pelo olhar amedrontado de algumas mulheres concluí que os Brancos deviam ter passado por ali. Uma centena de pessoas ao todo. Uma dezena de choupanas, nada de redes, esteiras atiradas pelo chão. Um pouco afastado do grupo, tendo um ramo na mão, sentado sobre um monte de palmas estava o cacique.

— Que *Tupã* te proteja, te dê sua benção para ti e para os teus!

A arara é considerada em muitas tribos como de inspiração divina, pois cura num instante a dor das picadas de mosquitos.

A festa prolongou-se por toda a noite na aldeia. Sabiamente, fiquei ao lado do cacique. Uma parte por respeito e por outra por me sentir vigiado.

As mulheres vestiam um pequeno saiote; as adolescentes, as virgens, inteiramente nuas, estavam ocupadas na feitura de *paneiras* que

A escolha da noiva e o adeus à esposa. A visão avisa que a hora da vingança chegou

Discretamente, alguns adolescentes com arcos e flechas, colocaram-se atrás de mim. Uma chuva torrencial começa a cair. Ninguém se mexe. Explico as razões da minha presença. Convencido o cacique faz com que eu me sente a seu lado. Ele se levanta e fala algum tempo e eu compreendo o essencial pela raiz das palavras que se parecem com as que conheço.

— Este homem é dos nossos Irmãos. Ele procura um branco que lhe roubou seu território. Acocoremo-nos. Descansemos nossas bordunas e recebamos nosso hóspede.

Um imenso clamor se eleva do grupo sob a chuva que cai cada vez mais forte. As mulheres começam uma dança, levando a seguir os homens e as crianças. Os adolescentes desapareceram. Eles virão duas horas mais tarde, com um enorme tapir estripado fora da aldeia, o bastante para dar de comer a todos os presentes. O próprio cacique acende o fogo.

Enquanto o animal assa, o cacique, após ter ritualmente esfregado as mãos numa panela cheia de farinha de mandioca, reúne novamente os índios e recomeça a falar numa mistura de português e dialetos, intencionalmente, para que eu sinta a força de sua autoridade.

— Esse homem que se diz chamar Sebastião, terá aqui o nome de *Moktoluka* (o viajante solitário). Morará na casa dos homens e participará de nossas caçadas. As mulheres lhe darão batatas doces, enquanto estiver entre nós, sua piroga e suas armas ficarão em nossa propriedade. Que as virgens o cubram de plumas de arara.

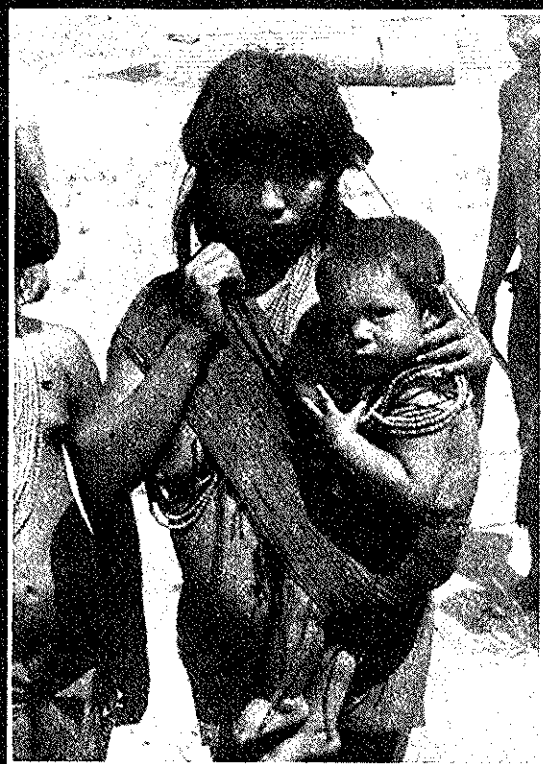
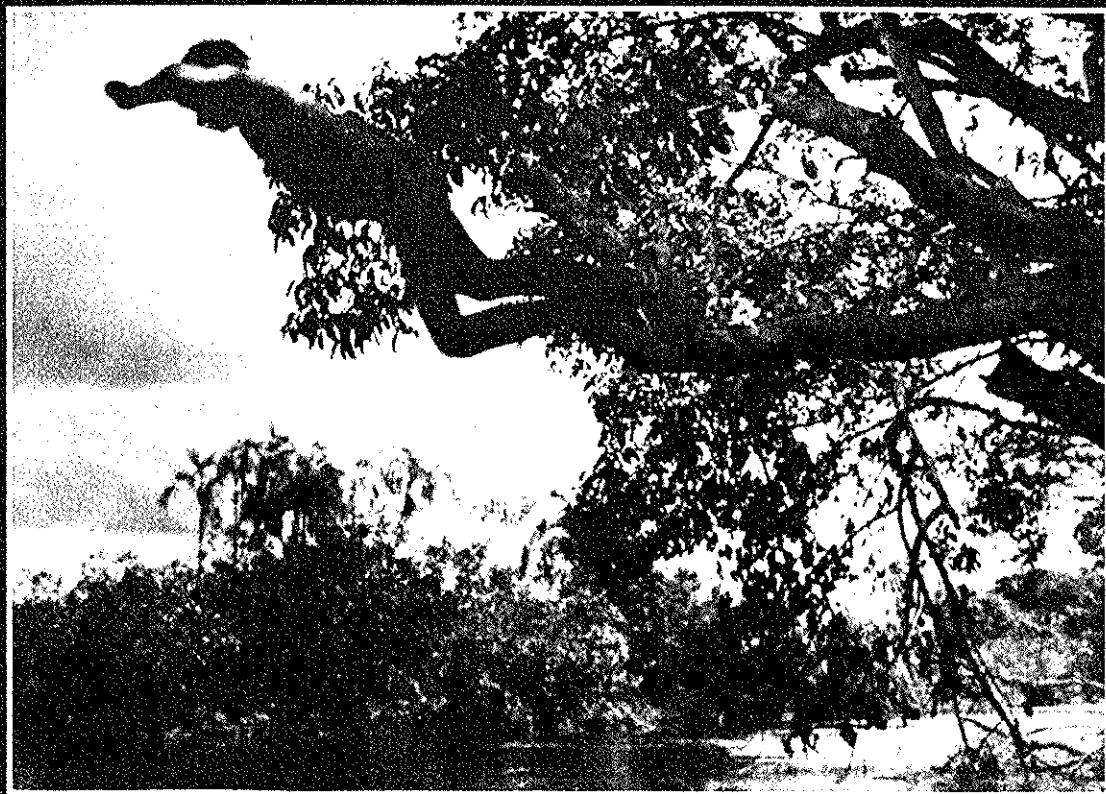
os homens enchiam de castanhas muito abundantes nessa região. Minha preocupação era não olhar nunca essas jovens, se bem que algumas delas fossem bem desejáveis.

Soube logo que os brancos haviam passado, anos antes, nesta aldeia e que se foram levando jovens mulheres e reservas de castanhas.

Meus cartuchos disponíveis permitiram aos caçadores regressar cada dia carregados de carne fresca, particularmente apreciada. Notara que esses índios enterravam seus mortos em ataúdes em forma de pirogas. Os gemidos e os choros que duraram durante vários dias após a morte de uma velha, morta por paralisia provocada pela picada de um escorpião, eram bem significativos do respeito que eles tinham pelos seus mortos. Assim, cada manhã, antes de partir para a caça, ia com o cacique recolher-me ao cemitério situado num ponto vizinho da aldeia, mas relativamente protegido das chuvas.

No quinquagésimo segundo dia fui despertado por cantos e um concerto de cabaças fazendo muito ruído. O cacique não me prevenira de nenhuma festa.

Na praça haviam levantado um pedestal de toros empilhados. Acreditei a princípio que se tratava de uma fogueira e assustei-me quando vi três moças, entre as mais belas da aldeia, que eram colocadas sobre a pilha de toros. Seria possível que índios tão pacíficos ainda praticassem sacrifícios humanos e em que ocasião excepcional? Não ousei avançar. O cacique me fez um sinal para me aproximar de si, à sombra de uma alta palmeira.



Integrados na natureza, toda a cultura do indio é mágica. Seu pensamento não é irracional, apenas parte de premissas diferentes das nossas.

O autor

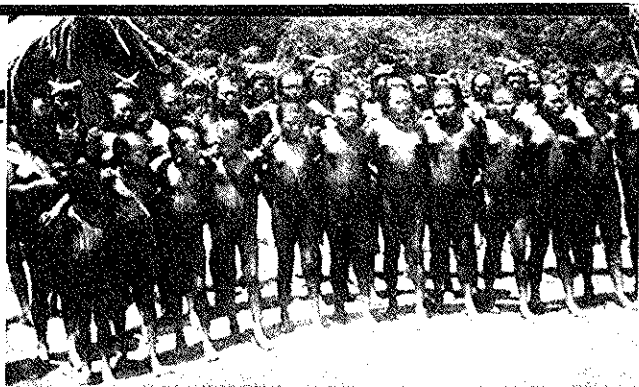
A vida de Sebastião Bastos é daquelas que realmente parece um romance. Filho de uma índia e de um mestiço, ele nasceu em 1900, na Amazônia. Com quatro anos já sabia se orientar nas florestas. Como seu pai ganhasse muito dinheiro com a borracha, decide enviá-lo a um colégio na Suíça. Aos dez anos ele parte para o exílio. Aprende o francês em pouco tempo. Entre seus colegas de colégio ele tinha dois amigos preferidos: Antoine de Saint-Exupéry e Agha Khan. Com a eclosão da I Guerra Mundial, em 1914, ele

retorna ao Brasil, fixando-se em Manaus. De vez em quando, ele empunha o seu arco e flecha, sobe na sua piroga e parte para a floresta. Enquanto isso, amplia a sua cultura e torna-se guia de turistas. Aos 70 anos, Sebastião conheceu o jornalista francês Claude Mosse. Após uma amizade que se estreitou com os anos, ele resolveu contar a seu amigo a história de sua vida. O resultado foi esse livro de memórias, apaixonante como um romance de aventuras, *best-seller* na França.



Vivendo numa sociedade sem concorrência, o índio age sempre em sintonia com os interesses da coletividade. A betara (abaixo) não está na latitude para florescer.





As festas e danças têm sempre um sentido ritualístico. A apresentação das moças núbéis é de grande importância para a tribo.

À minha chegada os cantos pararam. Tomara que não queiram queimar essas moças o que seria para mim não apenas uma grande decepção como me deixaria profundamente zangado.

— Irmãos, há cinquenta e um dias que Moktoluka vive entre nós. Por sua arma e sua destreza, ele encheu nossas cabanas de caça. Ele ajudou a empilhar a mandioca, serviu *Tupã* prestando, dia-a-dia, homenagem aos mortos. Tu és agora um dos nossos. Tu nunca lançaste um olhar de desejo para nossas mulheres, nossas irmãs ou nossas filhas. Tens direito hoje a uma justa recompensa. Eis aí três jovens virgens. Escolha uma e eu vos casarei. Ela será tua mulher e tua servidora. Das duas que sobrarão, uma me será ofertada em sinal de alegria pelo dia de festas de seu casamento e tu darás a terceira àquele homem que tu consideres o melhor caçador.

Esperava, confesso, esse ritual com certa impaciência. Alguns brancos poderiam ter conhecido as maravilhas dos amores indígenas se não houvessem se prejudicado violando com cruzeza e brutalidade o que me era oferecido após ter mostrado um pouco de tenacidade e sabedoria.

Poupados pelo alcoolismo, os da aldeia fizeram de nosso casamento uma grandiosa festa de danças e cantos extáticos, apesar da chuva que não parava de cair.

Minha jovem esposa devia ter treze ou quatorze anos. Devo confessar que após tantos dias de solitária castidade, aproveitei plenamente a delicadeza dessa jovem. Não é impossível que um pequeno Bastos tenha nascido naquela aldeia, talvez hoje desaparecida.

Estava decidido a não prolongar mais do que necessário essa felicidade apenas perturbada pelo permanente assalto das formigas em nossa esteira. Estes índios ignoravam as redes e pendurar a minha seria uma ofensa.

Uma manhã constatei que a água começava a subir novamente. Era o melhor momento para a navegação. A enchente continuaria fraca ainda alguns dias e já dava para evitar os bancos de areia. Era preciso encontrar uma desculpa plausível.

As mulheres, inclusive a minha, colhiam batatas-doces, os homens estavam na caça, os adolescentes reuniam folhas de palmeiras para construir a casa dos solteiros, destruída pela tempestade. Diante de sua cabana o cacique aparava pontas de flechas.

— Esta noite, durante a tempestade, o espírito de *Tupã* visitou-me. Ele me disse:

“Sebastião, você está aproveitando a vida entre estes índios, em sua aldeia, mas esqueceu o juramento de vingar seu pai. Se não prosseguir seu caminho, depois de sua morte, em lugar de viver no mundo vivo do Sol, que é o meu, você estará condenado perpetuamente a ficar no astro morto que é a Lua.

— *Tupã* tem razão. Vai para o Oriente se for preciso, para o Ocidente se julgar melhor, você deve ser fiel ao juramento, como está sendo fiel à sua mulher. Um dia, irmão, a verdade surgirá e você voltará para viver entre nós. Nada tema, nosso reino é o seu. Defenderemos sua esposa contra os brancos. Você é um sábio: se encontrar brancos sem crueldade, diga-lhes das nossas dificuldades e de nossas alegrias. Animados do espírito de paz eles sempre serão bem-vindos.

Em sinal de fraternidade apertamos nossas mãos, numa panela de mandioca. Dei um suspiro de alívio. O cacique acompanhou-me até minha piroga e me fez presente de um arco e algumas flechas, o que me ajudou muito pois apesar de ter ficado com meu rifle não tinha mais cartuchos.

O problema agora é descer novamente o Jamari antes das grandes cheias. As chuvas recentes facilitam bastante o deslizamento da piroga. Marquei minha direção pelos raios do sol no cimo das árvores.

Deixo meus amigos e minha mulher índia com o coração cheio de esperança e de apreensão. Esperança de encontrar a fazenda e Joaquim ainda vivo depois de tantos anos, e apreensão porque se posso me aproveitar da floresta à custa dos rios, não tenho mapa nem bússola para encontrar o Jamari. Instintiva e aproximadamente fixei a duração de minha viagem em um ano. Já faz cinco anos que deixei Joaquim prometendo que voltaria num ano... □

Logan 247-8156

NA PRÓXIMA SEMANA

OSCAR

A HISTÓRIA DO MAIOR PRÊMIO DO CINEMA MUNDIAL

